



Tema:
**"OS DESAFIOS DA INTERNACIONALIZAÇÃO
NA UNIMEP"**



11º UNICULT - VII Concurso de Contos e Crônicas

NOITE DE LOBISOMEM

Autor(es)

CAMILO IRINEU QUARTAROLLO

Contos / Cricas

Pseudônimo: Abel Bueno

Título: Noite de lobisomem

O aposentado ficava a matutar sobre as credices de seu caseiro. Queria conversar mais com o matuto, mas este estava sempre fazendo coisas, cortando asas das galinhas, pondo comida nos cochos, arrumando cerca, etc. A conversa era monossílaba e sem espaço para interrogações. Mas ontem à noite...? “Lobizóme, dotô”.

Um bicho rondara o quintal naquela noite de lua cheia. As galinhas estavam nervosas. Ventania, rodaminho, ruídos estranhos, as bacias de alumínio bamboleavam no chão, e latidos de cães. Depois alguma coisa mais distante, um eco, como se tudo tivesse passado e caído no silêncio da noite.

A casa de chácara do seu Quinzinho ficava no meio do mato e o caseiro morava ao lado. O aposentado consultava dicionários e estava lá o lobisomem, era um cachorrão peludo que rondava galinheiros e percorria sete fazendas em noites de lua cheia. Dizia-se que o caçula irmão de sete mulheres, padecia dessa sina e para se curar tinha que se deixar na janela a roupa do lobisomem ao avesso. Devia-se evitar olhar nos olhos de um lobisomem, para não se tornar em um também. Os olhões dele despertavam o feitiço. Credo! Não que alguém tenha visto, porque lobisomem não fala. Para matá-lo tinha de ser com bala de prata, se não o atirador virava em outro lobisomem. Eram versões conhecidas por aquelas redondezas de Piracicaba.

Caía uma tardinha lenta e pacata sobre o terreiro de algumas galinhas cacarejantes, remexendo alguns cacarecos e de porquinhos gritões, os montes iam escondendo o Sol e as penumbras vinham como se o lobisomem esperasse atrás de alguma capoeira. O caseiro de pouca prosa, guardava ferramentas, fechava portas e janelas e recolhia-se com a família. Da varanda confortável via-se o breu da noite se abater nas barrocas e afundavam numa depressão noturna, mas a luz voltava artificial. Seus olhos embaralhavam nas letras de Lobato, nunca em criança pudera conhecer o Visconde de Sabugosa ou a Emília, mas agora com cegueira noturna e tudo se dava ao gosto de seu universo lúdico. Ah, o lobisomem! Qual o quê? Quaisquer animais de rabo e focinho de tomada vermelha já dão um nome estranho – como marquês de Rabcó, ia dormir sossegado como um bebe com as histórias da Dona Benta.

Acordou ao meio da noite, algumas batidas na janela, alguma coisa rolou derrubando vasos e quase pondo a porta à baixo. Ventava muito. De pijamas o velho listrado olhou por uma fresta. Não viu nada que pudesse definir. Os olhos nos traem! Por isso que existem livros, pensou. Uma sombra enorme na parede da casa ao lado, figurava um monstro enorme e boquiaberto, salivava como um dinossauro. Alguma coisa arrancou o fio da lâmpada externa e o prato balançava com repique. Nessas horas não dá para refletir como intelectual, o medo força a crer em algo inexplicável. Responde ou serás devorado. A casa começou a tremer, mas o aposentado tinha medo de sair em campo aberto. Se fosse o lobisomem (deixou-se acreditar por um momento), não teria êxito em combate.

No dia seguinte o caseiro veio até a porta ver se estava tudo bem. Já estava se acostumando com as investidas do lobisomem e fez a pergunta de sempre. O que foi aquilo, o cê viu o barulho..? O caseiro firmou o chapéu no cocuruto e disse rápido: “Era só uma onça, dotô. Tá, cum medo?”. O aposentado não se deu por vencido, vira pela fresta a sombra. O caseiro fez melhor e disse que, pelo

vão da porta entreaberta, conseguiu segurar o rabo da pintada e que escorregou, mas ia colocar armadilha. Tendo dado essa audiência ao aposentado, se afastou calado, caçando coisas pelo caminho, pendurando vasos e encostando o varal da carroça, dando ordem à bagunça noturna.

Da varanda o velho abanava os mosquitos com o livro de Narizinho. Era estranho e começava a parecer-se com o sitio do picapau amarelo. Vez ou outra um inseto zunia com suas idéias. Ora, credices! Armou-se de uma luneta, lanternas e um revólver. Naquela noite ia passar em claro e acabar com aquela festa, que assombrava o seu sono. Até dormiu um pouco mais na sesta e esperava pela noite. Ia desvendar o mistério do lobisomem ou da onça que fosse. Deixou a TV ligada no seu canal de filmes de terror preferido. Algumas propagandas, intervenções jornalísticas de alguns rombos no orçamento, alguns desvios de meias e cuecas, impostos na passagem de ano e o filme continuava com um lobisomem americano. O velhinho silente convivia com esses monstros dentro da tela, por vezes, deixava a TV falando sozinha e ia até a janela ver a casa do caseiro. Uma fumacinha branca contínua indicava que o aquecimento da casa era à base de sabugos e palhas. As sombras de dentro indicavam hábitos domésticos espontâneos, o cachorro deitava aos pés do homem que debulhava o fumo na palha, preguiçosamente e que percebeu o big brother e não se fez de rogado, deu-lhe um aceno de cabeça, bem caipira. Se estivesse fora seria o “noite” curto e significativo, como se pusesse o interlocutor para dormir. Talvez naquela noite o lobisomem não viesse. Uma brisa mansa balançava o pomar cítrico e cheiroso. Algumas vozes dos pequenos repercutiam amiúde. O velho bocejava. O que melhor que dormir e deixar para lá os presságios da noite?

A TV ficou ligada e o velho desconectou-se do mundo, desceu aos meandros de morfeu, aos olhos de Narciso, dormia como criança, embalado pelo sertão. Na madrugada ouviu uma batidinha na janela - uma prenda para um pobre lobo - enrolou suas roupas e deu-as ao avesso. A criatura abraçou o pacote e dava voltas em redor da casa para se vestir. Sonâmbulo, o velho andava pela casa e abriu a porta ao lobisomem. O cachorrão entrou e acomodou-se, não sem antes retirar, numa patada a tomada da TV. No escuro o velho e o lobisomem ficaram tentando adivinhar um ao outro. O velho temia ser atacado e o lobisomem ser descoberto. Antes que o bicho fugisse o velho trancou a porta, num silêncio que nem besouro ouve-se. O dia já ia raiar e o velho se apegava à força do Sol para desmascarar aquela fera demoníaca, que agora se acuara ali ao lado. Mfope por natureza, a escuridão não era empecilho para ver o movimento do adversário ofegante num canto, em sombras. Mas antes do amanhecer o lobisomem pulou pela janela mal fechada e foi-se. O cheiro ficara. Pegou a arma e o buscou pelo quintal. No galinheiro nem as galinhas cantavam e só olhavam umas para as outras, quietas. Passou em revista, o galo se escondeu atrás delas. Os porquinhos dormiam, gordos e soltos. Ouviu um barulho no curral, as vacas! Talvez queira atacar algum bezerro? Empunhou a arma com a mira para frente, ia pegar o desgraçado, mesmo sem os óculos. Virou de costas para visualizar a retaguarda e foi como um soldado. Alguns pássaros cantavam distantes anunciando o dia, o galo ainda não subira ao seu poleiro de medo e o lobisomem ainda agiria, se tivesse tempo.

No curral o bicho se agarrava debaixo de uma vaca que dava coice tentando se desvencilhar. Dava mugidos e a coisa o puxava pelas tetas para se calar. Se atirasse espantaria a vaca e cortaria o leite, se deixasse o bicho mataria a res. O aposentado gritou: “alto lá, fique onde está. Te peguei, afinal.”. O sol raiara, o velho ia atirar, mas o lobisomem saiu com as patas levantadas. Antes que atirasse, o monstro lhe ofereceu o leite quentinho da ordenha e disse ao velho vestido de zebra: perdeu o sono, patrão?

O aposentado respondeu:

- não vê que sou sonâmbulo?!

- É memo?

- Eu e minhas sete irmãs mais velhas.